



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095 - 2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
QUALIS/CAPES – LATINDEX
Nº. 04 – Ano II – 10/2013
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

A produção de gêneros escritos no exame de proficiência de língua portuguesa para estrangeiros

Profª. Drª. Regina Lúcia Péret Dell'Isola
Docente Associada da Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em
Estudos Linguísticos – POSLIN - UFMG
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG
<http://lattes.cnpq.br/6816176864454824>
E-mail reginadellisola@gmail.com

Resumo: O exame oficial brasileiro de proficiência em português para estrangeiros (CELPE-Bras) pauta-se em atividades sociointeracionistas avaliadas por meio de tarefas comunicativas. Os examinandos são submetidos à execução de tarefas por meio das quais devem comprovar seu nível de proficiência na variante brasileira da língua portuguesa. Neste artigo, com base na teoria de Swales (1994, 1998) e na concepção de gênero como ação social, tal como propôs Bazerman (1994, 2005), analisamos 35 cartas do leitor produzidas pelos examinandos ao Celpe-Bras, ao realizarem a Tarefa IV da segunda aplicação do exame no ano de 2008. Essa tarefa consistia em ler uma reportagem da revista "IstoÉ" e escrever um texto para ser publicado na seção de cartas do leitor da mesma revista.

Palavras-chave: Celpe-Bras, Escrita, Gênero textual, Português para estrangeiros.

Introdução

Os exames de proficiência são instrumentos que se destinam a identificar o nível de conhecimento linguístico discursivo de um indivíduo em um idioma, com base em certas competências e habilidades necessárias para que ele interaja socialmente com desenvoltura com outras pessoas proficientes nesse idioma. Esses exames centralizam-se em concepções sobre o que seja “saber” uma língua. Conforme a noção de língua adotada, são elencadas habilidades a serem demonstradas pelo falante da língua estrangeira.

Um desafio a ser enfrentado refere-se à avaliação da competência de um falante de uma língua estrangeira nessa língua alvo. Se, de um lado, parece ser necessário instituírem-se níveis de proficiência de uma língua estrangeira, de outro, é preciso determinar-se parâmetros de avaliação que estabeleçam real correspondência entre o desempenho do falante na língua alvo e o grau de proficiência aferido. Considerando-se a grande variedade de tipos de testes de proficiência em língua estrangeira observa-se que são particularmente interessantes a forma de cotejar conhecimento e a diversidade de objetos propostos/visados em busca de medidas justas e instrumentos confiáveis de avaliação.

Após realizar um levantamento de numerosas características de controle de conhecimento linguístico, Carroll (1993) classifica os testes em duas categorias: 1) testes que focalizam o processo, ou seja, enfatizam a precisão, a objetividade e a fiabilidade, e 2) testes com ênfase no processo, isto é, que valorizam a cooperação do utilizador, a subjetividade e os modelos de avaliação. O autor faz um levantamento das principais características desses dois tipos de exame sob forma de polaridades relativas ao centro de interesse do exame, à manipulação de dados e à apresentação e controle dos dados.

O exame para o Certificado de proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (CELPE-Bras), desenvolvido e outorgado pelo Ministério da Educação do Brasil, apoiado pelo Inep e pelo MRE, consolidou-se no Brasil e no exterior. Trata-se de um teste com ênfase no processo. Quanto à orientação do controle, o exame valoriza o formativo, a avaliação de cada atividade executada em uma tarefa, o domínio geral de um conteúdo, o desempenho e o uso da língua em um determinado contexto. Quanto à manipulação de dados, o exame estabelece um

quadro de referência delineado para se estimar as possibilidades de respostas, identifica holisticamente traços integrados, faz referência a critérios adotados e caracteriza-se pela validade. Quanto à apresentação e controle, é transparente, plural e qualitativa.

Além de abranger as quatro habilidades da língua-ouvir, falar, ler escrever – o Celpe-Bras, cuja meta é certificar o nível de competência, demonstrado pelo , para compreender e ser compreendido em português, inclui uma variedade de contextos em que se almeja avaliar a capacidade de o examinando se expressar eficientemente na variante brasileira da língua portuguesa. Concebido à luz da abordagem comunicativa, esse exame testa a habilidade de interação oral e escrita em português do Brasil, por meio da exposição do examinando a diferentes textos autênticos para os quais são propostas tarefas a seremdesempenhadas. As tarefas substituem os tradicionais itens ou perguntas e envolvem mais de um componente. Fundamentalmente, a tarefa é um convite para agir no mundo, um convite para o uso da linguagem com um propósito social. Assim, uma tarefa compreende uma ação, com um *propósito*, direcionado a um ou mais *interlocutores*. Nela há sempre um propósito claro de comunicação (escrever um texto para reclamar, para informar, para discordar) e um interlocutor (escrever um texto para um jornal, para um amigo, para um chefe), de forma que o examinando possa adequar seu texto ao propósito da comunicação e ao interlocutor.

Na correção, esses aspectos são importantes para se julgar a adequação da resposta do examinando. Por meio de um único exame, são avaliados quatro níveis de proficiência: o Intermediário, o Intermediário Superior, o Avançado e o Avançado Superior. A diferença entre os níveis espelha a qualidade do desempenho nas tarefas de compreensão e produção textual (oral e escrita) em três aspectos: adequação ao contexto ou situacional (efetivamente cumprir o propósito, levando em conta o interlocutor), adequação discursiva (coesão e coerência) e adequação linguística (adequação e riqueza de vocabulário, adequação e riqueza de estruturas gramaticais). O desempenho do examinando é avaliado de forma global, ou seja, a partir de um desempenho integrado em todas as tarefas. A obtenção de um ou de outro certificado está condicionada a esse desempenho global do examinando no exame, o que pressupõe um desempenho homogêneo em todas as tarefas – ou um desempenho que represente a real capacidade do examinando em realizar na língua

alvo as tarefas propostas (DELL'ISOLA et alli, 2003). Invariavelmente, as tarefas estão associadas à leitura, compreensão auditiva, expressão oral e escrita de gêneros textuais.

1. O gênero textual “carta do leitor” no exame Celpe-Bras

Gêneros textuais são manifestações sociais constituídas de elementos verbais e/ou não-verbais intencionalmente selecionados e organizados para exercer uma atividade sociointerativa, de modo a permitir aos interlocutores, a depreensão de sentido, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, e a ação de acordo com a situação e as práticas socioculturais de uso. Não são apenas formas, são atividades submetidas a critérios de êxito. Entre os gêneros recorrentes no exame Celpe-Bras, encontra-se a “carta” e entre os tipos de carta, a do leitor tem sido um gênero solicitado ao examinando na Parte Coletiva do exame (ou apresentado ao examinando na Parte Individual).

A carta é um gênero discursivo que ao longo da história tem servido de meio de comunicação para diferentes fins – agradecimento, informações, cobrança, intimação, notícias familiares, prestação de contas, propaganda, solicitação, reclamação, entre outros. Criado para mediar a distância entre dois indivíduos, a carta está ligada às relações sociais e apresenta-se de várias formas, dependendo da esfera discursiva e do objetivo de seu produtor. Surgida na Grécia antiga, foi utilizada para questões militares, administrativas e políticas expandindo-se para mensagens particulares e, aos poucos, para propósitos variados como religião, documentação, petição, manifestação, registro de histórias familiares, etc. Devido à dinamicidade dos gêneros discursivos em função das necessidades sociais e culturais de nossa sociedade, carta originou outras espécies como a carta familiar, a carta de amor, a carta circular, a carta propaganda, a carta aberta, a carta de solicitação, a carta de reclamação, a carta ao leitor, a carta do leitor, dentre outras. Segundo o agrupamento de gêneros proposto por Dolz e Schneuwly (2004), a carta do leitor pertence à ordem do argumentar, situando-se na esfera de comunicação (domínio social) de assuntos/temas controversos. Para Costa (2005), a carta do leitor é um termômetro que afere o grau de sucesso dos artigos publicados nos jornais e revistas, pois os leitores escrevem reagindo, positiva ou negativamente, ao

que leram; além de propiciar a interação entre leitor e jornal/revista, dando a estes uma ideia das expectativas daqueles em relação à linha editorial. Mas, a autora ressalta que a carta do leitor constitui, sobretudo, um dispositivo eficaz de divulgação de problemas nos quais muitas vezes, pessoas defendem-se de serviços mal prestados ameaçando denunciar seus responsáveis ao “escrever para os jornais”. Assim, a carta do leitor pode configurar-se com teor de queixa, crítica e/ou denúncia.

Segundo Kocheetalli (2010), a carta do leitor permite aos leitores de um jornal ou revista manterem um diálogo com o responsável pela publicação ou por seções dela, ou, ainda, com os demais leitores. Por meio desse gênero, o leitor pode se manifestar em relação às matérias publicadas. Dell’Isola (2007, p. 74) afirma que a carta à redação “existe em função do leitor que por ela se manifesta, buscando atender suas intenções comunicativas. Não se destina a uma pessoa específica, mas a um público que tem acesso à carta veiculada.”

Para se produzir uma “carta do leitor” é preciso ter a compreensão de como a linguagem se articula em ação veiculada através de texto escrito em uma determinada circunstância de interação; é necessário conhecer as principais determinações sócio históricas e discursivas das cartas e considerar a variedade de possibilidades de organização textual desse gênero.

Na vida social contemporânea, “carta do leitor” tem merecido destaque os gêneros da esfera jornalística. Além de impor a quem o redige, um modo de expressar que comprove a capacidade do locutor interagir de maneira crítica e participativa no mundo, a “carta do leitor” é uma prática discursiva usada como instrumento de intervenção na dinâmica social por produzir e negociar sentidos através da linguagem escrita, em contextos específicos.

Carta do leitor é um texto que circula no contexto jornalístico, em espaço reservado à correspondência dos leitores, ou seja, em seção fixa de revistas e jornais que recebe várias denominações: “Cartas”; “Cartas à Redação”, “Painel do Leitor”, entre outras. Segundo Bezerra (2003), carta do leitor

[...] é um texto utilizado em situação de ausência de contato imediato entre remetente e destinatário, que não se conhecem (o leitor e a equipe da revista/jornal, respectivamente), atendendo a diversos propósitos comunicativos: opinar, agradecer, reclamar, solicitar, elogiar, criticar, entre outros. É um gênero do domínio público, de caráter aberto, com o objetivo

de divulgar seu conteúdo, possibilitando, assim, ao público geral a sua leitura. (Bezerra, 2003, p. 210).

Trata-se de um gênero que atende as condições de êxito apresentadas em Maingueneau (2001), a saber: uma finalidade reconhecida, o estatuto de parceiros legítimos, o lugar e o momento legítimos, o suporte material e a organização textual. Maingueneau (2001) afirma que

todo gênero de discurso visa a um certo tipo de modificação da situação da qual participa. Essa finalidade se define ao se responder à questão: estamos aqui para dizer o quê?[...] A determinação correta dessa finalidade é indispensável para que o destinatário possa ter um comportamento adequado ao gênero de discurso utilizado (Maingueneau, 2001, p. 66. Grifo nosso)

Assim, com a finalidade de interagir com o jornal ou a revista e seu público, a carta do leitor também atende a condição de estatuto de parceiros legítimos porque ele envolve o leitor da matéria, a redação do jornal ou da revista, os leitores desses veículos de comunicação – todos os que deles se utilizam para obter informações. A carta do leitor é direcionada a um veículo da mídia no qual um profissional, devidamente autorizado, promove condições para a divulgação do texto na imprensa, após selecionar e editar o texto.

De acordo com a abordagem comunicativa subjacente ao exame Celpe-Bras, os gêneros são construções sociais que vinculam a produção da linguagem ao contexto sócio histórico em um momento de interlocução. Em função disso, qualquer que seja a prática (oral, escrita, auditiva, leitora) avaliada nesse exame é contextualizada no gênero e nas condições de produção textuais.

A matéria “Eles odeiam celular”, publicada na revista IstoÉ, que compõe a Tarefa IV da Parte Coletiva do exame Celpe-Bras 2008/2, serviu de instrumento para que os examinandos se posicionassem a respeito do assunto, favoravelmente ao uso do telefone celular. Esperava-se que os examinandos apresentassem suas opiniões. Cabia a eles questionar os argumentos da matéria que, em linhas gerais, expõe as seguintes ideias centrais:

- o telefone celular é uma espécie de “fastfood” do relacionamento humano;
- o telefone celular é invasivo – as pessoas podem ser encontradas em qualquer lugar e a qualquer momento, perdem sua privacidade;
- 80% das ligações ditas urgentes poderiam esperar;

- as pessoas não precisam levar consigo o celular e, em situações de emergência, podem usar o de um amigo.

Como se pode notar, o texto da tarefa apresenta bons elementos para promover debate sobre o uso de celular. Swales (1990) apresenta três elementos necessários que, ao se interligarem, contribuem para que o propósito comunicativo de uma determinada manifestação discursiva seja realizado: comunidade discursiva, gênero e tarefa. O traço de união desses três elementos é o propósito comunicativo. A unidade básica da comunicação humana é o texto que pode ser definido como um conjunto de elementos linguísticos que detém caráter de totalidade comunicativa em função de fatores linguísticos, semânticos e pragmáticos.

Para Swales (1990), os gêneros textuais têm base em rituais comunicativos de um grupo de interlocutores, por ele definido como comunidade comunicativa. Os gêneros podem ser identificados a partir do objetivo que trazem explícita ou implicitamente, pela forma e pelo posicionamento. Já que, segundo esse autor, o gênero compreende uma classe de eventos comunicativos cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pela comunidade discursiva e constituem o conjunto de razões “que moldam a estrutura esquemática do discurso e influenciam e limitam a escolha de conteúdo e de estilo” (SWALES, 1990, p.58).

O conceito de gênero, tal como propôs Swales (1990), privilegia o caráter e o propósito comunicativo de uma situação, suas convenções e regras linguísticas e discursivas compartilhadas pela comunidade discursiva que convive, atua e interage em uma dada situação, dominando gêneros do discurso articulado e intencionado (a quem se destina: público-alvo) por ela mesma. Uma vez configuradas as expectativas, uma manifestação genérica pode ser considerada como prototípica pela comunidade geradora. Levantar uma manifestação textual (oral ou escrita) como um gênero, então, consiste em levantar as características socioculturais e linguísticas que regulam a forma, o conteúdo e as escolhas léxico-gramaticais que o compõem e que são desempenhadas por uma comunidade discursiva específica, identificada e descrita. Assim, as comunidades discursivas apresentam um conjunto de propósitos reconhecíveis e mecanismos de intercomunicação entre os seus membros, utilizando uma seleção de gêneros em evolução tanto para o avanço do

conjunto de propósitos como para a legitimação dos mecanismos participativos que são essenciais no trabalho do professor voltado para o ensino da língua em uso.

Fundamentando na teoria de Swales (1990, 1994, 1998) sobre a organização retórica dos gêneros e na teoria de Bazerman (1994, 2005, 2006) sobre os sistemas de atividades e de gêneros, levantamos uma discussão relativa à produção de cartas do leitor escritas por examinandos ao Celpe-Bras.

A seguir apresentaremos a análise dos elementos que integram essas cartas quanto à natureza e à delimitação dos elementos que as constituem, levando em conta a esfera de uso da língua em que as “cartas do leitor” se realizam como atividades constitutivas de interação verbal.

2. Cartas dos examinandos ao Celpe-Bras: análise do discurso escrito

Nossa análise comprehende os recursos expressivos empregados pelos examinandos ao exame, considerando o conteúdo temático, a construção composicional e as configurações específicas de uso desse gênero textual. Sabemos que os textos se organizam dentro de determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Por isso, julgamos relevante uma abordagem discursiva centralizada na natureza, na função e na organização desse gênero associada às condições interativas de produção e recepção textual.

Por meio de tarefas, o exame Celpe-Bras avalia o desempenho do examinando como membro ativo em uma comunidade discursiva, ou seja, verifica-se como os examinandos, empregando a língua portuguesa, inserem-se em redes sócio retóricas que se formam mediante certos objetivos, dominando razoavelmente os gêneros de uso da comunidade brasileira. No caso da escrita de uma “carta do leitor”, espera-se que ele considere a função social desse gênero e realize a tarefa de produção escrita, baseada na aplicabilidade social desse gênero, explorando adequadamente as características funcionais e as formas linguísticas desse texto, mantendo-se o nível de formalidade escolhido para se expressar por escrito. Cientes de que há maneiras diferentes de organizar o texto, cabe aos examinandos manter o propósito comunicativo e atender ao que foi orientado no enunciado da tarefa.

Bazerman (1994, 2005, 2006) tem se dedicado à elaboração de uma teoria de gênero, seu trabalho espelha vários pontos de contato com os de Miller (1984) e de Swales (1998). O conceito de gênero adotado pelo autor tem como noções-chave as de recorrência e ação social. Bazerman (1994: 81) assume a perspectiva de gênero como ação social e sustenta que ‘uma forma textual que não é reconhecida como sendo de um tipo, tendo determinada força, não teria status nem valor social como gênero. Um gênero existe apenas na medida em que seus usuários o reconhecem e o distinguem’.

A partir dessa abordagem, é possível focalizar os gêneros como ações retóricas tipificadas. De certa forma, há um reconhecimento de regularidades. Por exemplo, a leitura de uma notícia jornalística exige que o leitor observe o caráter informativo do texto, busque respostas às questões “o quê?”, “quando?”, “onde?”, “quem?”; procure identificar o *porquê*, o *como*, e predizer “e daí?”, além de perceber que a notícia filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações. Esse gênero textual caracteriza-se por fazer saber aquilo que aconteceu em um tempo recente ou não e pode ser tipificado como um registro de fatos sem opinião. A exatidão é tida como o elemento chave da notícia. Assim, a compreensão desses aspectos estruturais de uma notícia típica favorece a compreensão da leitura desse texto (oral ou escrito) e a produção escrita do aprendiz.

Do mesmo modo, as cartas são ações retóricas tipificadas cujas regularidades podem ser reconhecidas. Por ser um gênero que circula no contexto jornalístico, em seções específicas de revistas e jornais, apresenta uma estrutura básica que compreende a seção de contato, núcleo da carta e seção de despedida.

Entende-se por produção prototípica de uma carta do leitor o texto a ser publicado em uma seção específica de jornal ou revista. Na seção de abertura, espera-se que sejam apresentados o local e data que indicam a cidade, o dia, o mês e o ano do envio da carta; além disso, o vocativo que é a forma de tratamento empregada para se estabelecer o contato, sendo o tratamento condizente com o alocutário (ou receptor). No núcleo da carta ou corpo do texto, espera-se que conste a contextualização do assunto e que seja apresentada uma opinião. Na seção de fechamento, devem constar a despedida – manifestada com cordialidade – a saudação e a assinatura que é a identificação do locutor (remetente).

Ainda que esse gênero não possua uma estrutura rígida, em sua composição estão contidos alguns dados – alguns opcionais, outros, essenciais:

Seção de contato:

- local e data (opcional);
- abertura/vocativo (essencial);

Núcleo da carta:

- contextualização (opcional);
- corpo da carta:
 - questionamento dos argumentos apresentados (essencial – exigência contida no comando da tarefa)
 - apresentação de posicionamento favorável ao uso do telefone celular (essencial – exigência contida no comando da tarefa)

Seção de fechamento:

- encerramento (essencial);
- despedida/desfecho (essencial);
- assinatura (opcional).

De acordo com a grade de correção, elaborada pela Comissão Técnica do Exame, são elementos indispensáveis para a realização dessa tarefa: delimitação dos interlocutores – locutor (leitor da revista) e alocutário (editor/leitores da revista); formato: carta do leitor; propósito comunicativo: questionar os argumentos apresentados.

Ao analisarmos cada uma das três seções específicas da construção pelos examinandos das cartas dos leitores, observamos que, embora a maioria não se atenha a aspectos formais da estrutura, sobretudo da Seção de Contato e da Seção de Despedida, é nesses movimentos retóricos que se constata a heterogeneidade interna verificada entre de modos de expressão utilizado entre as três partes do texto. É notória a preocupação do examinando em atender ao que foi exigido no corpo da carta (questionamento e posicionamento favorável ao uso do celular), sendo que as funções sociais veiculadas na abertura e no encerramento da carta ficam em um segundo plano, nem sempre coerentes com o nível de formalidade que se verifica no núcleo da carta.

Conforme aponta Marcuschi (2002), os gêneros textuais referem-se aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e apresentam características

sócio comunicativas definidas por conteúdos propriedades funcionais, estilo e composição característica. Tendo em vista que carta do leitor realiza-se em uma situação discursiva específica, sua linguagem varia de acordo com quem a produz, para quem a carta se dirige e em que veículo circula. Em grande parte, quando circulado nos meios de comunicação de grande alcance, a carta do leitor – quando publicada - encontra-se na norma padrão da língua. Por um lado, o nível de formalidade pode variar quando é enviada para a edição do jornal ou da revista, considerando-se que as ações linguísticas cotidianas orientam-se por um conjunto de fatores que atuam no contexto situacional. Por outro lado, no plano da produção textual escrita dos examinandos ao Celpe-Bras, verifica-se uma tendência em se manter o registro mais formal do idioma.

Quanto aos elementos da Seção de Contato, das 35 cartas que compõem nosso *corpus*, verificamos que em sete constam o local e a data, sendo três de São Paulo, um de Medelin, um do Rio de Janeiro, um de Arequipa e um de La Paz. A data é a mesma em todas essas ocorrências, 22 de outubro de 2008 – dia da aplicação do exame. Em 28 cartas não há local e data.

Na abertura da carta do leitor, verifica-se grande diversidade de formas de uso. Vamos classificá-las em quatro categorias: opção pelo uso formal; pelo uso semiformal; pelo uso informal; outras opções.

Abertura das Cartas			
Uso formal	Uso semiformal	Uso informal	Outras opções
Prezado Editor (2 ocorrências) Prezados Editores Sr. Chefe de Redação da Revista <i>IstoÉ</i> Prezado Senhor/ Prezados Senhores Senhores da Seção de cartas do leitor / Revista <i>IstoÉ</i> Prezados leitores - (3 ocorrências) Prezado diretor -(4 ocorrências) Prezados editores da revista <i>IstoÉ</i>	Estimados amigos Cara <i>IstoÉ</i> Caro senhor diretor, Senhor Diretor - (2 ocorrências) Senhores da Revista <i>IstoÉ</i> Presente.	Oi gente! Queridos leitores Olá Oi Boa tarde	Uso de título para a Carta do Leitor - O mundo é amigo do celular - A necessidade dos celulares - “Eles odeiam celular” - “Eu não odeio celular” - Carta do leitor: em relação ao artigo “Eles odeiam celular” Uso do nome para abertura da Seção - Cartas do leitor (2 ocorrências) - Seção de Cartas do leitor Uso imenso do termo: “À revista <i>IstoÉ”</i>

Antes de prosseguirmos, ressaltamos que, neste artigo, não fizemos nenhum ajuste ou correção nos trechos citados, extraídos das cartas produzidas pelos examinados. Mantivemos os textos transcritos tal como foram escritos pelos examinados. Assim, em todos os exemplos, mantivemos fidelidade ao texto escrito no exame de 2008.

Verifica-se em 15 cartas a opção pelo uso formal, 6 pelo semiformal, 5 pelo uso informal e 9 o emprego de outras estratégias discursivas. É interessante observar as cartas foram produzidas para locutores distintos:

- ora para a redação da revista (para os responsáveis pela seção de cartas ao leitor). Exemplos: Prezado Editor; Sr. Chefe de Redação da Revista IstoÉ; Senhores da Seção de cartas do leitor.
- ora diretamente para os leitores da revista. Exemplos: Prezados leitores; Queridos leitores.
- ora de modo indefinido – tanto para um quanto para outro, editor e/ou leitor: Exemplos: Prezados Senhores; Oi; Olá; Estimados amigos.
- ora para os leitores como produto final – publicado na revista – na forma final tal como publicada na seção de cartas de revista e com título: Exemplos: “O mundo é amigo do celular”; “Eu não odeio celular”.

Além do nível de formalidade, essa diversidade de opções de interlocutores conduz a diferentes níveis de habilidade de uso da língua portuguesa nessa interação específica, determinada pela carta do leitor, gênero textual eleito para a produção escrita.

Quanto ao núcleo da carta, verificou-se a presença de contextualização em grande parte do *corpus*. Em 33 cartas, encontram-se formas de contextualização, como nos exemplos a seguir:

1. “Estou escrevendo em resposta da matéria publicada no 4 de julho sobre as pessoas que se recusam a entrar no século XXI e odeia celulares” (Carta 2)
2. “Em atenção à reportagem ‘Eles odeiam CELULAR’ gostaria de compartilhar minha opinião” (Carta 4)
3. “Eu sou assídua leitora da revista e sirvo-me deste meio para exprimir minha opinião em relação ao artigo publicado na segunda feira passada sobre o uso de celular.” (Carta 5)
4. “Li anteontem a reportagem ‘Eles odeiam celular’ e vou apresentar meus argumentos a favor do uso do celular” (Carta 6)
5. “Sou uma leitora aficionada desta revista e estou escrevendo para dizer que não concordo com o artigo ‘Eles odeiam celular’ publicado em dias passados.

Apenas dois examinandos escreveram o corpo da carta sem qualquer contextualização, indo direto ao que foi solicitado no núcleo de suas cartas. Logo em seguida ao vocativo que está entre colchetes, esses examinandos introduzem suas opiniões, conforme transcrição a seguir:

6. “[Estimados amigos], eu acho que está bom que muitas pessoas optam por não possuir um telefone móvel e que outros acham impossível viver sem ele, a verdade é que é um mal necessário” (Carta 1)
7. “[Sr Diretor,] acho que as pessoas que se proclamam inimigas dos telefones celulares têm um problema mental” (Carta 21)
8. ou uma leitora aficionada desta revista e [...]

É desejável que o examinando mantenha, o nível de formalidade coerente com o modo que escolheu para se dirigir ao seu interlocutor. Ocorre que, invariavelmente, nas 35 cartas analisadas, a contextualização e o corpo do texto são escritos em um nível de formalidade que mantém coerência com as opções de abertura formal, semiformal e as que categorizamos como “outras opções”. Os examinandos que empregaram termos informais na abertura acabaram por demonstrar instabilidade na adequação do discurso.

O examinando sabe que está em situação de avaliação. Conforme apontam Coura-Sobrinho e Dell’Isola (2009, p. 92), “a noção de contrato de comunicação é central para se entender os papéis desempenhados pelos interlocutores em situação dialógica.” Essa noção comporta as coerções que o contexto situacional exerce na dimensão intencional de todo ato de linguagem e, consequentemente, determina comportamentos languageiros.

Dell’Isola (2007, p. 76) afirma que a carta do leitor “nada mais é do que a manifestação do desejo de alguém que não pode e não deve ser calado”. Essa prática é um exercício de cidadania que é cultivado porque quanto alguém se expressa pode influenciar outros leitores a refletirem sobre sua opinião acerca de um tema. A força da argumentação é importante nessa situação comunicativa.

Ao longo das cartas escritas pelos examinandos verificam-se diferentes níveis de questionamento e posicionamento favorável ao uso do aparelho celular. Dos que atendem a proposta: há textos em que os examinandos demonstram pleno domínio dos argumentos que apresentam, há os que questionam parcialmente os argumentos e há os que não questionam, embora se posicionem em relação ao tema. Quanto à clareza e coesão, alguns textos apresentam-se muito bem desenvolvidos, outros adequados, mas com problemas, uns pouco desenvolvidos e nenhum do *corpus* selecionado apresentou muitos problemas nesse quesito. No geral, verifica-se uso adequado de articuladores, emprego correto de concordância verbal e nominal e de referência pronominal, embora nem sempre se verificou a presença de adequação lexical e o uso de vocabulário apropriado.

O que estamos afirmando é que, embora nas cartas analisadas perceba-se que os examinandos produziram textos adequados ao contexto situacional, nem todos cumpriram efetivamente o propósito comunicativo do gênero, levando em

conta o interlocutor. Do ponto de vista da adequação discursiva, algumas cartas são coesas, mas não apresentam coerência quanto à manutenção do grau de formalidade. Isso se pode verificar também na Seção de Fechamento.

A seção de fechamento compreende encerramento, despedida e assinatura. Todas as cartas apresentam encerramento, mas das 35 cartas, 20 apresentam encerramento e despedida. As diferentes formas de despedida podem ser classificadas quanto ao nível de formalidade:

- Desfecho formal:
 - Atenciosamente (6 ocorrências);
 - Cordiais saudações;
 - Cordialmente;
 - Com estima.
- Desfecho semiformal:
 - Meus cumprimentos;
 - Agradecida pela sua atenção;
 - Desde já muito obrigado;
 - Obrigado,
 - Muito obrigado pela oportunidade.
- Desfecho informal:
 - Um abraço e parabéns pela ótima revista;
 - Muito obrigada(o);
 - Afeituosamente;
 - Agradeço sua atenção, meus amigos;
 - Um beijão.
 -

Em relação à estrutura formal do gênero “carta do leitor”, podemos considerar que, quando dirigida aos editores da revista o desfecho é imprescindível, mas pode ser considerado dispensável, quando publicada em uma revista. Assim, cabe ao produtor do texto, levar em conta a situação discursiva da carta que escreve. Nas produções em que consta esse movimento retórico – o desfecho/despedida – espera-se a manutenção do nível de formalidade entre a forma de tratamento utilizada na abertura e a empregada nessa seção de fechamento da carta.

Vejamos alguns exemplos em que isso ocorre:

Uso formal na abertura e no desfecho	Uso semiformal na abertura e no desfecho	Uso informal na abertura e no desfecho	Outras opções
<p>Abertura: Prezado Editor</p> <p>Desfecho: Existem três bilhões de aparelhos no mundo e metade da população podem comunicar com torpedos ou voz: abraça o novo mundo e os benefícios que essa tecnologia traz.</p> <p>Atenciosamente, L.P.S., Ipanema, RJ</p>	<p>Abertura: Estimados amigos</p> <p>Desfecho: Assim, minha posição é que o celular é necessário mas não obrigatório.</p>	<p>Abertura: Oi gente!</p> <p>Desfecho: O celular se tornou uma manifestação de sua identidade própria: você pode baixar nele músicas, fotos, vídeos, etc. Ele expressa o que você é.</p> <p>Abertura: Oi Desfecho: Um beijão</p>	<p>Os examinandos que optaram, na abertura, pelo uso</p> <p>a) de título para a Carta do Leitor b) do nome para abertura da Seção c) impersonal do termo: "À revista IstoÉ"</p> <p>redigiram cartas predominantemente dissertativas com encerramento impersonal, conclusivo.</p>

No desfecho também se constatou oscilação quanto ao nível de formalidade. O que mais nos chama atenção é a falta de coerência entre a forma de tratamento utilizada na abertura e a empregada ao final do texto (no desfecho/despedida da carta). Vejamos algumas ocorrências:

- 1) Uso formal na abertura e informal no encerramento.
Por exemplo:
Abertura: Revista IstoÉ
Desfecho: Muito obrigada!
- 2) Uso informal na abertura e formal no encerramento.
Por exemplo:
Abertura: Oi!
Desfecho: Atenciosamente
- 3) Uso formal na abertura e semiformal no encerramento.
Por exemplo:

Abertura: Prezados Leitores da Revista Isto é
Desfecho: Agradeço a sua atenção meus amigos!

Conforme os estudos sobre Gêneros, tal como propõem Swales e Bazerman, o desenvolvimento de habilidade de leitura em duas direções: na busca de uma compreensão totalizadora, na apreensão do texto como um todo, relacionando-o com seu contexto; e na atenção para a sua materialidade linguística, tomando-a como base para a construção da interpretação. Um examinando proficiente em um idioma deve comprovar seus conhecimentos linguísticos nesse idioma e, além disso, demonstrar competências discursivas diretamente relacionadas com as formas sociointerativas empregadas pelos falantes nativos escolarizados. Dessa forma, por dar ênfase ao processo, o Celpe-Bras é um exame que valoriza os gêneros textuais e isso requer dos examinandos a habilidade de se produzir textos adequados a determinadas situações de interlocução.

Considerações finais

O exame oficial brasileiro de proficiência em português para estrangeiros (CELPE-Bras) pauta-se em atividades sociointeracionistas avaliadas por meio de tarefas comunicativas. Cabe aos examinandos demonstrar suas habilidades de compreensão leitora e auditiva, de produção escrita e expressão oral. Para isso, são submetidos à execução de tarefas por meio das quais devem comprovar sua capacidade de comunicação em português. Tanto na Parte Coletiva quanto na Parte Individual – interação face a face – que integram o Celpe-Bras, os examinandos são conduzidos a expor suas ideias sobre temas recorrentes na mídia, de modo a fornecer subsídios para a verificação de seu nível de proficiência na variante brasileira da língua portuguesa.

É importante que os examinandos ao exame Celpe-Bras considerem a diversidade de situações comunicativas em que se observa a orientação para a informação, com o fim de se levantar o seu sentido como função, ou finalidade que, associado ao objetivo, confere, em parte, especificidade à organização da ação verbal na interação linguística.

Neste artigo, com base na Linguística do Texto e do Discurso, buscamos analisar 35 cartas do leitor produzidas pelos examinandos ao Celpe-Bras, ao realizarem a Tarefa IV da segunda aplicação do exame no ano de 2008. Verificamos

que, para demonstrar a habilidade de leitura e produção escrita, não basta ao examinando ler a reportagem da revista “IstoÉ” e escrever um texto. É necessário que ele leve em conta que o texto a ser produzido tem o propósito de ser publicado na seção de cartas do leitor da mesma revista. Considerando o gênero uma ação social, é preciso que o examinando saiba que, para redigir uma carta do leitor, além dos elementos indispensáveis da situação discursiva - - há que se considerar os movimentos retóricos desse gênero. Verificou-se que na seção de contato, os examinandos optaram por diferentes formas de abertura em que se observa variedade de níveis de formalidade. No núcleo da carta, muitos optaram pela contextualização seguida de questionamento dos argumentos apresentados e da apresentação de ponto de vista favorável ao uso do telefone celular, em diferentes níveis de proficiência, mas houve uma preocupação geral em todas as cartas do nosso corpus em atender ao comando do enunciado da tarefa. Entretanto, na seção de fechamento, verificou-se que em 15 cartas os examinandos finalizaram com o encerramento, sem o desfecho. Dessas, constatamos que apenas em nove cartas cabia esse procedimento discursivo. Finalmente, em 20 cartas consta encerramento seguido de desfecho. Praticamente todas apresentaram problemas de coerência discursiva, tendo sido empregados diferentes níveis de formalidade entre a abertura e o desfecho. Em poucas cartas verificamos coerência entre os três movimentos retóricos, ou três seções (contato, núcleo e fechamento).

A noção de nível de proficiência em português como língua estrangeira evoca a ideia de graduações em uma escala contínua onde se é possível conceber desde um nível zero, ou seja, o total desconhecimento da língua, até níveis de competência que se aproximam aos de um falante nativo fluente e escolarizado. Entre as propostas de avaliação da proficiência, o exame Celpe-Bras está orientado para o estabelecimento de medidas que visem a verificar o que o examinando é capaz de compor com o seu conhecimento da variante brasileira da língua portuguesa. Desse modo, focaliza-se o desempenho dos examinandos de acordo com a maneira pela qual eles utilizam seu conhecimento de português e suas habilidades de expressão oral e escrita nessa língua são testadas de acordo com os parâmetros de um usuário falante nativo.

Abstract: The official examination of proficiency in Brazilian Portuguese for foreigners (CELPE-Bras) is guided in activities socio interactionists evaluated through communicative tasks. Examinees are submitted for execution of tasks by means of which must prove their proficiency in Brazilian variant of Portuguese. In this article, based on the theory of Swales (1994, 1998) and the concept of gender as social action, as proposed Bazerman (1994, 2005), we analyzed 35 letters to the editor produced by the examinees Celpe-Bras, in performing the task IV the second application of the test in 2008. This task was to read a report in the magazine "IstoÉ" and write text to be published in the letters section of the reader of the same magazine.

Keywords: Celpe-Bras, Writing, Gender, Portuguese for foreigners.

Referências

- BAZERMAN, C. Prefácio a BLYLER, N. R., THRALLS, C., eds. **Professional communication: the social perspective**. London: SAGE Publications, 1994, p. VII-VIII.
- BAZERMAN, C. Gêneros textuais, tipificação e interação. Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel, São Paulo: Cortez, 2. ed., 2006.
- BEZERRA, Por que cartas de leitor na sala de aula? In: DIONISIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A (org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 208-216.
- CAROLL, Bredan. Typologie de tests de langue. In: Monnerie-Goorin, Anne et LESCURE, Richard. **Evaluation et certification en langue étrangère**. Paris. Edicef, 1993. p. 62-68.
- COSTA, S. D. da. Cartas de leitores: gênero discursivo porta-voz de queixa, crítica e denúncia no jornal O Dia. In: Soletras – Revista do Departamento de Letras da UERJ – n 10, 2005, p.28-41. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/10/03.htm>>. Acesso em 13 jan. 2012.
- COURA-SOBRINHO, Jerônimo e DELL'ISOLA, Regina. O contrato de comunicação na avaliação de proficiência em língua estrangeira. In: JÚDICE, Norimar et al. (Orgs) **Português-Língua Estrangeira: novos diálogos**. Rio de Janeiro: Intertexto, 2009. p. 89-102.
- DOLZ, J. SCHNEUWLY, B. Gêneros e progressão em expressão oral e escrita – elementos para reflexões sobre uma experiência suíça (francófona). In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 41-70.

DELL'ISOLA, Regina L.P., JUDICE, Norimar, SCARAMUCCI, Matilde V. R. e SCHLLATER, Margarete. A avaliação de proficiência em português língua estrangeira: o exame CELPE-Bras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Vol.3 no. 1, 2003, p. 153-164.

DELL'ISOLA, Regina L.P. **O sentido das palavras na interação leitor-texto**. Belo Horizonte: Fale UFMG, 2005.

DELL'ISOLA, Regina. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

KOCHE, Vanilda Salton, BOFF, Odete Maria Benetti, MARINELLO, Adiane Fogali. **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e do expor**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MAINIGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P. **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 17-36

MILLER, C. R. Genre as social action. **Quarterly Journal of Speech**, 70: 151-167, 1984.

SCARAMUCCI, M.V.R. CELPE-BRAS: um exame comunicativo. In CUNHA, M.J. e P. SANTOS (orgs) **Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros**. Editora UnB, Brasilia, DF, 1999, p. 75-81.

SWALES, J. M. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, J. M. Genre and engagement, **Revue Belge de Philologie et d'histoire**. Vol. 71, p. 687-698. 1993

SWALES, J. M. **Other floors, other voices**: a textography of a small university building. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 1998.

Texto Acadêmico recebido em: 11/09/2013

Processo de Avaliação por Pares: (Blind Review – Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - www.ufvjm.edu.br/vozes em: 01/10/2013

Revista Multidisciplinar Vozes dos Vales - UFVJM - Brasil

www.ufvjm.edu.br/vozes

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424